II ENEHISP

CADERNO DE RESUMOS

Simpósio Temático 10

St10 IMAGEM E IMPRENSA:
Atos políticos, cultura visual e intencionalidade

COORDENADO POR


Gustavo Elian Siqueira Montes


Thaissa Lima Duarte

PPGH Unimontes
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LAPPS ufjf
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL

Grupo de Estudos e Pesquisa do Pensamento Autoritário



ST10 . CRONOGRAMA

Simpósio Temático 10

CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÕES

IMAGEM E IMPRENSA:

atos políticos, cultura visual e intencionalidade

7 E 9 DE OUTUBRO, DAS 14H ÀS 18H

GOOGLE MEET

COORDENAÇÃO

Gustavo Elian Siqueira Montes
Mestrando em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Graduado e Pesquisador em Comunicação Social. contato@gustavoelian.com

Thaissa Emanuelle Lima Duarte
Mestranda e Graduada em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).
thaissaemanuellys2@hotmail.com

SESSÃO 1

7 de outubro, das 14h às 18h · Eixo: Estado, autoritarismos e Guerra Fria: a imprensa como campo de poder

ORDEM	TÍTULO DO TRABALHO	HORÁRIO
1	"E ao público letrado, nós o saudamos": a atuação de um médico negro no O Musaico na Província da Bahia, 1840-1850	14h10
2	Enquadramentos do poder: a circularidade da fotografia e a construção do imaginário republicano na imprensa partidária gaúcha (1914-1918)	14h25
3	Cultura visual e performatividade política: a Campanha Civilista de Rui Barbosa debatida e ilustrada pela imprensa carioca, em 1910	14h40
4	Integralismo e a fabricação do passado: memória, esquecimento e temporalidade entre O Legionário e o site da Frente Integralista Brasileira (FIB)	14h55
5	O mito político Barbarossa nas páginas do jornal satírico berlinense Kladderadatsch	15h10
6	O testemunho gráfico-narrativo da construção do inimigo "anti-Espanha": a guerra contra os "los eternos disidentes, a los rencorosos, a los egoístas"	15h25
7	Repercussões da Revolução Chinesa no Brasil: as interpretações no Partido Comunista do Brasil (PCB) a partir do jornal Voz Operária (1949-1950)	15h40
8	Manchetes de papel, porões de sangue: a fabricação do consenso no Clarín e as contra-narrativas do Le Monde e do COBA na Copa de 78 e na Ditadura Argentina	15h55
9	Casa, cidadania e Estado: o Conjunto Habitacional de Realengo nas representações da imprensa	16h10
10	O Nanico: imprensa alternativa no Pará durante a Ditadura Militar	16h25
11	Sociedade civil, hegemonia e poder simbólico: uma análise da revista Manchete (1960-1985)	16h40
12	Qualificar para transformar: a imprensa oitocentista e os saberes sobre o espaço no Norte de Minas Gerais (1884-1894)	16h55

SESSÃO 2

9 de outubro, das 14h às 18h · Eixo: Corpo, gênero, colonialidade e cultura visual: a imprensa entre margens e presente

ORDEM	TÍTULO DO TRABALHO	HORÁRIO
1	Sob o olhar da lei e da imprensa: a regulação social das viúvas no Brasil oitocentista	14h10
2	Impressões de feminilidade: a memória gráfica na Revista Flor de Liz (1926-1927)	14h25
3	Feminilidades políticas: primeiro-damismo e a produção de regimes de verdade na imprensa brasileira (1985-2024)	14h40
4	A imprensa lésbica portuguesa e o resgate da memória: a revista Lilás e a leitura da escritora brasileira Cassandra Rios sob a ditadura salazarista	14h55
5	Representações políticas na revista Veja durante o governo de Dilma Rousseff	15h10
6	Quando a imprensa define a magia: discurso, criminalização e disputas pelos saberes de cura no Rio de Janeiro (1890-1942)	15h25
7	Imagética da miséria e lusotropicalismo: homologias discursivas nas representações do Nordeste e da África no Diário de Pernambuco (1960-1964)	15h40
8	"Coque não muda: fome, crime e promiscuidade. Mas continua divertido": a construção de imaginários urbanos na imprensa do Diário de Pernambuco (1976)	15h55
9	Imprensa no Mandato Britânico da Palestina: o caso do The Palestine Post nos anos 1930	16h10
10	Promessas de progresso nas páginas da imprensa: representações políticas sobre a CEPALMA nas décadas de 1960 e 1970	16h25
11	Representações do cotidiano infantil no álbum Historia Gráfica de la Revolución Mexicana	16h40
12	Quando a imprensa escreveu a vitória: capas de revistas e a construção da imagem de Ronald Reagan em 1981	16h55
13	Delação e representação em perspectiva: historicizando construtos visuais e linguísticos em fotografias de guerra a partir de Mohammed Salem (2023)	17h10
14	Da fita cassete ao algoritmo: imagem, imprensa e soberania narrativa na história do midiativismo indígena no Brasil (1970-2025)	17h25
15	"A guerra teve um sentido": a apropriação política da vitória sobre o nazi-fascismo no Tribuna Popular (1945)	17h40

Performances semióticas na imprensa:
signos intencionados pela Gazeta de Notícias na transição do império à república (1888-1890)

Gustavo Elian Siqueira Montes [1]

Esta comunicação apresenta resultados de uma pesquisa que investiga como a Gazeta de Notícias, periódico fundado no Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1875 por Ferreira de Araújo, mobilizou recursos discursivos e visuais para significar a transição do Império à República (1888-1890). Parte-se da compreensão da imprensa não como espelho neutro dos acontecimentos, mas como agente histórico e espaço de representação do real, conforme propõe Maria Helena Capelato (1988), em diálogo com De Luca (2005) e Cruz e Peixoto (2007), que atribuem ao periódico oitocentista o estatuto de linguagem e prática social constitutivas do próprio tecido histórico. Consolidada como o principal veículo da imprensa popular de massa no Brasil, ao romper com o modelo de assinaturas aristocráticas e abrigar em suas páginas nomes como Machado de Assis, José do Patrocínio e Raul Pompéia, a Gazeta de Notícias constitui corpus documental privilegiado para observar como a linguagem impressa operou escolhas editoriais intencionais diante de dois acontecimentos fundantes da história política brasileira: a abolição da escravidão e a proclamação da República. A pesquisa reuniu 1.062 exemplares do periódico, referentes aos anos de 1888 a 1890, consultados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, sobre os quais se aplicará dupla metodologia: um levantamento quantitativo das inserções e colunas de conteúdo republicano e imperial nas capas do jornal, e uma análise semiótica de matriz peirceana (ícone, índice e símbolo) das imagens veiculadas ao longo de 1889, ano de maior densidade imagética do periódico. Busca-se, com isso, evidenciar de que forma a Gazeta de Notícias, entre a defesa velada de interesses e a pretensão de imparcialidade noticiosa, produziu performances semióticas que intencionavam e disputavam os sentidos da transição política em curso.

Palavras-chave: Gazeta de Notícias; Imprensa oitocentista; Semiótica; Transição Império-República.

[1] Coordenador do ST10. Mestrando em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Graduado e Pesquisador em Comunicação Social. contato@gustavoelian.com

O Enquadramento do Flagelo:
Cidade e Memória no Gazeta do Norte (1939-1944)

Thaissa Emanuelle Lima Duarte [2]

Esta comunicação tem como objetivo dialogar com a comunidade acadêmica a respeito do andamento da pesquisa de mestrado, sobretudo no que tange à metodologia de análise de Imprensa e de sua utilização como objeto de pesquisa. Nesse sentido, a dissertação busca analisar o posicionamento e os recursos discursivos mobilizados pelo jornal Gazeta do Norte (1939-1944) acerca dos sujeitos migrantes marginalizados retidos na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Desde a consolidação do município como "ponta de trilho" da Estrada de Ferro Central do Brasil, a cidade se transformara para atender uma modernização progressista, pensada pelas elites montesclarenses e reverberada pela Imprensa. No contexto do Estado Novo varguista, a atuação da Inspetoria de Trabalhadores Migrantes (ITM) transformou Montes Claros em um ponto estratégico de triagem e controle da mobilidade nacional nordeste-sudeste. Diante do retido fluxo de trabalhadores recusados nas inspeções sanitárias, a imprensa local, enquanto espaço de construção de memórias e porta-voz dos interesses da elite política e econômica, construiu e veiculou termos estigmatizantes como "flagelados", "retirantes" e "problema". Fundamentando-se nos aportes teóricos sobre memória e cidade (Michel Pollak, Pierre Nora, Déa Fenelon), a pesquisa aborda o periódico não como mero repositório de dados factuais, mas como prática social e força ativa na disputa pela memória urbana. Investiga-se como a linguagem jornalística operou um trabalho de enquadramento de memória que contrapôs a construção de um ideal de cidade moderna, sanada e progressista à marginalização simbólica e social dos sujeitos migrantes.

Palavras-chave: Cidade, Gazeta do Norte, Memória, Montes Claros.

[2] Coordenadora do ST10. Mestranda e Graduada em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). thaissaemanuellys2@hotmail.com

"E ao público letrado, nós o saudamos":
a atuação de um médico negro no O Musaico na Província da Bahia, 1840-1850

Bento Chastinet [3]

Neste trabalho, analisaremos a atuação do médico negro e professor, o Doutor Malaquias Álvares dos Santos, no periódico O Musaico, na Província da Bahia, entre os anos de 1840 e 1850. O Diretor Malaquias, além da organização do periódico, escreveu artigos e romances em formato de folhetim, fez traduções e compartilhou o trabalho no jornalismo com seu irmão, o então estudante de medicina Luís Álvares, e outros homens formados na Faculdade de Medicina da Bahia, onde também foi estudante e depois se tornaria professor da cadeira de Medicina Legal. Para tanto, a partir dos pressupostos teóricos da História Social e das contribuições da Micro-História, além de perscrutarmos sua atuação na arena pública oitocentista, problematizaremos também a inserção de homens negros no mundo branco das letras, seja através da escrita e publicação de notícias nas folhas baianas, seja por meio de suas próprias produções literárias. Em seguida, percorreremos as disputas e querelas entre os articulistas na imprensa baiana e alhures – das quais o Doutor Malaquias Álvares dos Santos fazia parte – e que estavam na ordem do dia e no bico das penas, manifestando-se na publicação das folhas. Portanto, por meio da documentação hemerográfica disponibilizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e de outros documentos coadjuvantes, como inventários post-mortem, testamentos, dicionários e obras literárias, analisaremos a relação deste médico negro em particular com o mundo branco letrado, à luz das redes de sociabilidades – como a imprensa e a Sociedade Instrutiva – nas quais agia.

Palavras-chave: Faculdade de Medicina da Bahia Imprensa oitocentista; Médicos negros.

[3] Doutorando em História Social, PPGH/Universidade Federal da Bahia (UFBA). chastineta@gmail.com

Enquadramentos do poder:
a circularidade da fotografia e a construção do imaginário republicano na imprensa partidária gaúcha (1914-1918)

Samuel Sias Teixeira Furtado[4]

O Brasil, no início do século XX, atravessava um período de busca por identidade após a queda da Monarquia, enquanto as lideranças republicanas empenhavam-se na consolidação de um imaginário social fundamentado nos ideais positivistas e nos valores do novo regime. Para isso, os jornais partidários A Federação, de Porto Alegre, e Diário Popular, de Pelotas, se aproveitaram da crescente popularização da fotografia como um instrumento de difusão de uma identidade alinhada aos ideais republicanos de progresso e modernidade. A presente comunicação propõe apresentar um recorte de como essas narrativas visuais foram produzidas entre 1914 e 1918, buscando compreender de que forma as fotografias publicadas por esses periódicos contribuíram para a construção do imaginário republicano no Rio Grande do Sul. Esse projeto político foi concebido especialmente a partir do olhar de uma elite masculina, branca e militar que possuía influência econômica e política suficiente para controlar importantes meios de informação da região e, por meio deles, promover determinadas representações da realidade social e política por meio da cultura visual. A partir dessa proposta, a comunicação se desenvolve por meio da comparação entre a forma como os dois jornais construíram suas narrativas imagéticas. Embora apresentassem singularidades na organização de suas páginas, na seleção de conteúdo e na elaboração de seus discursos, ambos compartilhavam o objetivo de fortalecer uma identidade republicana sob o prisma da ordem, do progresso e da modernização, fato evidenciado pela presença notável de uma circularidade das mesmas imagens fotográficas entre os dois impressos ao longo do período analisado. Paralelamente, torna-se necessário questionar a reduzida presença das camadas populares e, especialmente, da população negra nas primeiras fotografias publicadas pelos periódicos. Inseridos em um projeto de modernização marcado por referências eurocêntricas, esses grupos sociais foram frequentemente excluídos das representações visuais que buscavam definir a imagem da República e das próprias cidades. Dessa forma, a comunicação procura refletir sobre como a fotografia atuou simultaneamente na legitimação de lideranças republicanas e na construção de uma memória visual que privilegiou as elites políticas e relegou outros grupos sociais à invisibilidade.

Palavras-chave: Fotografia; Imprensa Partidária; Imaginário Republicano; Cultura Visual;

[4] Mestrando, Universidade Federal de Pelotas (UFPel). samuelsiast7@gmail.com

Cultura visual e performatividade política:
a Campanha Civilista de Rui Barbosa debatida e ilustrada pela imprensa carioca, em 1910

Mariana Freitas de Andrade[5]

Este trabalho analisa o papel da imprensa ilustrada e do humor gráfico na construção de imaginários políticos durante a Campanha Civilista de Rui Barbosa à presidência da República, em 1910. Em uma conjuntura marcada pela acentuada polarização, a imprensa brasileira assumiu posição central na formação do debate público, dividindo-se entre defensores e opositores da candidatura de Barbosa e convertendo jornais e revistas em espaços privilegiados de confronto ideológico. A articulação entre texto, imagem e escolhas editoriais contribuiu para a construção de determinadas leituras sobre a conjuntura eleitoral e a intensificação do debate político na sociedade. Entre as estratégias discursivas mobilizadas, o humor gráfico destacou-se por sua capacidade de condensar narrativas, ridicularizar adversários e interpelar a opinião pública por meio de recursos visuais de forte apelo simbólico. Com base na análise de charges veiculadas nos principais periódicos do Rio de Janeiro, então capital federal, buscamos compreender de que modo essas representações articularam cultura visual, linguagem satírica e performatividade política, projetando expectativas e tensões que moldaram parte da experiência política do período.

Palavras-chave: Imprensa; Humor gráfico; Rui Barbosa; Campanha Civilista; Primeira República.

[5] Doutoranda, PPGHIS/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista: CAPES. m.andrade@ufrj.br

Integralismo e a fabricação do passado:
memória, esquecimento e temporalidade entre O Legionário e o site da Frente Integralista Brasileira (FIB)

Thalysson de Sousa Rodrigues[6]

A Ação Integralista Brasileira utilizou amplamente a imprensa como instrumento de difusão de seu projeto político e de construção de uma identidade nacional pautada em valores autoritários, nacionalistas e ultracatólicos. No Ceará, durante a década de 1930, o jornal O Legionário destacou-se como importante veículo de circulação dessas ideias, difundindo críticas ao comunismo, ao liberalismo e a outros grupos considerados adversários do movimento. Atualmente, o site da Frente Integralista Brasileira (FIB) constitui um espaço contemporâneo de produção de memória sobre o integralismo, elaborando uma determinada narrativa sobre o passado do movimento a partir de memórias e interpretações coletivas. Nesse contexto, tanto o periódico quanto o site podem ser compreendidos não apenas como meios de informação, mas como espaços de produção discursiva, nos quais conceitos, memórias, esquecimentos e interpretações do passado são mobilizados para legitimar determinadas leituras da realidade. Este trabalho tem como objetivo investigar de que maneira O Legionário e a FIB operacionalizam conceitos e memórias na construção de narrativas sobre o passado integralista, observando como determinadas lembranças são apresentadas como fatos, história ou verdades sobre o movimento. Parte-se da compreensão de que a memória não corresponde ao fato histórico em si, tampouco se confunde com a prática historiográfica, uma vez que é seletiva e atravessada por experiências e relações de poder. A análise fundamenta-se nas contribuições de Michel Foucault, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, François Hartog, Isabella Cortada, Paul Ricoeur e Michel de Certeau, compreendendo o discurso, a memória e as formas de escrita do passado como práticas inseridas em disputas pela produção da verdade e pela atribuição de sentidos ao tempo histórico. A metodologia consiste em uma abordagem documental de O Legionário, articulada à etnografia digital do site da FIB. Como resultados esperados, pretende-se demonstrar que O Legionário e o site da FIB contribuiu para a disseminação de valores conservadores e ultracatólicos e para a construção de imaginários sociais marcados pela oposição ao comunismo e ao liberalismo, ressignificando essas memórias no presente, produzindo narrativas que reivindicam autoridade sobre o passado integralista, vendendo estas como verdade ou com rigor da verdade.

Palavras-chave: Autoritarismo; Integralismo; Anticomunismo.

[6] Mestrando, PPGHCE/Universidade Estadual do Ceará (UECE). thalyssonhist@gmail.com

O mito político Barbarossa nas páginas do jornal satírico berlinense Kladderadatsch

Guilherme dos Santos Lysakowski[7]

O esfacelamento do Sacro Império Romano, em 1806, marcou o fim de uma estrutura política que, durante séculos, havia conferido certa unidade aos territórios germânicos. Somado à fragmentação territorial e às derrotas diante de Napoleão, esse processo contribuiu para tornar a ausência de uma unidade política uma questão cada vez mais presente no pensamento alemão. Nas primeiras décadas do século XIX, contudo, a constituição de um Estado-nação na Europa Central ainda se encontrava distante no horizonte político. Ao longo desse século, a ideia de uma unidade alemã ganhou novos contornos, articulando-se à formação de um nacionalismo político interessado não apenas na unificação territorial, mas também na elaboração de um imaginário nacional capaz de conferir coerência simbólica e sentimento de pertencimento a uma comunidade ainda politicamente fragmentada. É nesse processo que os mitos políticos floresceram como instrumentos de criação, difusão e manutenção da identidade nacional. Após décadas de disputas e transformações políticas, esse percurso culminou, em 18 de janeiro de 1871, na consolidação do Império Alemão, materializando institucionalmente um projeto de unidade progressivamente elaborado ao longo do século XIX. Para a construção desse imaginário nacional, um amplo conjunto de personagens históricos foi mobilizado e operacionalizado como mitos políticos. Entre eles, destaca-se Frederico I Barbarossa, imperador medieval cuja figura foi utilizada politicamente, sobretudo em sua vinculação à Casa de Hohenzollern e, consequentemente, à Prússia. Barbarossa ocupou lugar central nessa constelação mitológica, sendo representado em diferentes suportes, de monumentos e pinturas a canções, poemas, palácios e contos. Sua instrumentalização como mito político apoiava-se, sobretudo, nas narrativas lendárias que associavam seu retorno à recuperação de uma era de prosperidade e grandeza. Nesta comunicação, detenho-me em sua operacionalização no jornal satírico berlinense Kladderadatsch, a partir da análise de uma charge publicada em 25 de julho de 1871, poucos meses após a unificação alemã. Para tanto, utilizarei o método documentário de análise de imagens.

Palavras-chave: Mitos Políticos, Nacionalismo, Barbarossa.

[7] Graduado em História, Universidade Federal de Pelotas (UFPel). guilherme.santos.lysakoswki.10@gmail.com

O testemunho gráfico-narrativo da construção do inimigo "anti-Espanha":
a guerra contra os "los eternos disidentes, a los rencorosos, a los egoístas"

Gladyson Paulo Oliveira da Silva [8]

Essa pesquisa visa analisar a participação das Histórias em Quadrinhos como registro de memória da construção do inimigo público da Espanha durante a ditadura franquista. Reconhecendo o quadrinho como uma cultura visual que serve como rastro ontológico do trauma vivenciado por uma sociedade, essa apresentação defende que esse index testemunhou a construção falangista dos rojos enquanto inimigos "anti-espanha". Dessa forma, busca-se entender a atuação dos historietistas como uma rede que se utiliza das HQs para reivindicar pautas sociais e registrar suas memórias traumáticas, se interligando por uma espécie de vocabulário traumático com as gerações que se sucedem à Ditadura Franquista. Assim, objetiva-se compreender a produção quadrinística espanhola enquanto um campo de relações visuais no qual imagens se entrelaçam e se reconfiguram, formando uma espécie de intertexto que representa e intervém socialmente ao produzir um fio que se conecta e evoca outras imagens de denúncia. Metodologicamente, aproprio-me dos conceitos de intericonicidade do autor francês Jean-Jacques Courtine (2013) e do conceito de "malha", originalmente forjado por Tim Ingold (2015), a fim de mapear o "eco" ressoado entre as páginas dos quadrinhos que registram a perseguição falangista através das políticas de um Estado de Guerra Total. As páginas registram como a vigilância era estruturada através do policiamento, mas também por meio da colaboração social. Como corpus, será analisado recortes das obras: Barrio (2013) e España, Una, Grande y Libre (2004), do quadrinista Carlos Giménez.

Palavras-chave: HQs; Franquismo; Trauma.

[8] Mestrando, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista: CAPES/CNPq. gladyson.paulo@ufpe.br

Repercussões da Revolução Chinesa no Brasil:
as interpretações no Partido Comunista do Brasil (PCB) a partir do jornal Voz Operária (1949-1950)

Fernanda de Sousa Nascimento[9]

Durante o período de Guerra Fria, a disputa entre os polos capitalista e socialista exerceu grande influência política e econômica no mundo. Os Estados Unidos e a União soviética apoiaram grupos aliados em outros países, como na China e Brasil. A Revolução Chinesa foi um movimento político, social e cultural de caráter socialista que, com apoio da URSS, venceu a guerra civil contra os nacionalistas apoiados pelos EUA, inaugurando a República Popular da China em 1949. Inspirados pela Revolução Russa de 1917, os comunistas brasileiros tinham criado em 1922 o Partido Comunista do Brasil (PCB), a fim de concretizar a revolução brasileira. A partir de 1949, o jornal Voz Operária se torna o veículo oficial de imprensa do PCB, onde se pode encontrar notícias e matérias das lutas socialistas mundo afora. Uma luta que ganha destaque na Voz Operária é a Revolução Chinesa, que aparece desde a primeira edição do jornal. Este artigo busca investigar qual era a interpretação desse periódico sobre a Revolução na China. A pesquisa, de abordagem qualitativa, analisou 57 edições do jornal, nas quais foram identificadas 216 menções à Revolução Chinesa e sua repercussão na política internacional e nacional. O estudo identificou que o tema da Revolução Chinesa ganhou projeção no jornal de forma gradual. Nas primeiras edições, eram dedicadas poucas linhas de texto aos acontecimentos ocorridos na China. Mas, a partir do avanço dos exércitos comunistas chineses e, principalmente, após a vitória da Revolução, a direção do jornal dedicaria mais espaço ao movimento chinês. Num primeiro momento, o jornal traduz os discursos dos líderes soviéticos – e de outros partidos comunistas – que mencionavam a China. Com o avanço da Revolução os jornalistas e intelectuais brasileiros escrevem análises próprias da conjuntura chinesa. O maior grau de autonomia do Voz Operária em relação ao tema se dá quando essa análise é vinculada à conjuntura brasileira.

Palavras-chave: Revolução Chinesa; Partido Comunista do Brasil; Voz Operária.

[9] Graduanda, Universidade Estadual de Roraima (UERR). fernanda.nascimento@alunos.uerr.edu.br

Manchetes de papel, porões de sangue:
a fabricação do consenso no Clarín e as contra-narrativas do Le Monde e do COBA na Copa de 78 e na Ditadura Argentina

Renata Lorencette Cavalcanti[10]

O presente trabalho analisa as disputas de narrativa e memória sobre a Copa do Mundo de 1978 na ditadura civil-militar argentina (1976-1983), sob a perspectiva da História Cultural e da imprensa como agente mediador (Luca, 2008). O foco reside no embate transnacional entre a imprensa argentina e a francesa. No plano interno, a ditadura impôs um discurso monolítico, assimilado por veículos cúmplices como Clarín, La Nación e La Razón, beneficiados em 1978 pelo monopólio estatal da Papel Prensa (Franco, 2002). O Clarín agiu como "notável da memória" (Tedesco, 2011), operando o enquadramento da "campanha pró-argentina" para rebater denúncias externas de direitos humanos. Teoricamente amparado pelo conceito de "gestão das paixões políticas" de Pierre Ansart (2019) e do futebol como "campo afetivo da história" (Ribeiro, 2004), o estudo investiga como o esporte mais popular da região foi instrumentalizado pelo regime como uma tecnologia de sportswashing e soft power (Nye, 2004) para projetar uma imagem de paz, ordem e progresso nacional. Nesse cenário, o Clarín utilizou suas primeiras páginas como vitrines para desqualificar as denúncias internacionais de violações de direitos humanos sob o rótulo de "campanha antiargentina" (Franco, 2002). O jornal adotou ativamente o vocabulário militar da "luta antisubversiva", silenciando a violência de Estado e forjando um consenso social amparado também por interesses econômicos oligárquicos, como a obtenção monopólica da empresa Papel Prensa (Franco, 2002; Iturralde, 2012). Em oposição a esse enquadramento institucional, o Le Monde e a militância transnacional do COBA, sediada em Paris, romperam o bloqueio informativo ao oferecerem uma "escuta social" ao trauma das vítimas (Napolitano, 2026). A partir do manifesto inaugural do escritor Marek Halter no Le Monde (Halter, 1977), e sob a liderança de François Gèze, o COBA mobilizou intelectuais, sindicatos e artistas franceses por meio de uma vigorosa propaganda contracultural (Tran, 2018). Com o lema "Não se joga futebol entre campos de concentração" (COBA, 1978), o comitê utilizou cartazes, panfletos satíricos e canções para denunciar que, a poucos metros das comemorações no Estádio Monumental, operava o centro clandestino da ESMA. O trabalho analisa, assim, a atuação dos jornais tanto como meio de autopromoção do governo ditatorial quanto como promotor de ideais e denúncias da oposição transnacional.

Palavras-chave: Futebol; Imprensa; Ditadura Militar; Argentina.

[10] Mestranda, PPGHIS/Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bolsista: CAPES renata.lorencette.c@gmail.com

Casa, cidadania e Estado:
o Conjunto Habitacional de Realengo nas representações da imprensa

Júlia Alves da Silva Malheiros [11]

O objetivo deste trabalho é analisar as propagandas do Conjunto Habitacional de Realengo, empreendimento habitacional do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários (IAPI), elaboradas pelo Estado e divulgadas na imprensa, buscando compreender como o acesso à moradia e as características do modelo residencial eram representados por meio de sua linguagem visual e verbal. Nesse sentido, pretende-se investigar como as representações construídas acerca da casa operária articulavam elementos como conforto, higiene, organização e modernidade à construção de um modelo de moradia destinado aos trabalhadores, que, por sua vez, poderia ser considerado ideal. Busca-se, ainda, compreender de que forma o acesso à moradia se relacionava às políticas de proteção social do Estado e às concepções de cidadania construídas durante o período, a partir de propagandas que buscavam atrair os possíveis candidatos da categoria dos industriários.

Palavras-chave: Moradia proletária; Estado Novo; Conjunto Habitacional de Realengo; IAPI; Imprensa.

[11] Mestranda em História Política, PPGH/Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). juliaalves284@gmail.com

O Nanico:
imprensa alternativa no Pará durante a Ditadura Militar

Wanessa Silva de Oliveira [12]
Leopoldo Nogueira Santana Júnior [13]

Esse resumo visa investigar O Nanico como fonte histórica da imprensa alternativa paraense, com ênfase na sua materialidade, conteúdo e atuação sociopolítica. Publicado entre maio de 1979 e maio de 1981, o periódico teve nove fascículos produzidos por estudantes e jornalistas vinculados ao curso de Comunicação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Inserido no contexto da imprensa alternativa, O Nanico surgiu com o propósito de atuar simultaneamente como instrumento de formação profissional e veículo de resistência às limitações impostas à imprensa durante o regime militar. Ao longo de sua trajetória, abordou temas relacionados à luta estudantil, aos conflitos sociais, às desigualdades regionais, à violência estatal e às condições de vida das populações amazônicas. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa histórica de abordagem qualitativa e fundamenta-se na análise documental dos nove fascículos publicados entre 1979 e 1981. Autores como Barros (2023) e Ferreira (2015) são fundamentais para discutir o jornal como fonte histórica e a censura no Pará. Os resultados evidenciam que O Nanico consolidou como espaço de circulação de informações, críticas sociais e debates políticos que frequentemente encontravam pouco espaço nos meios de comunicação convencionais. Conclui-se que esse jornal ultrapassou a função de "jornal-laboratório" universitário, constituindo-se como importante instrumento de resistência política e produção de discursos críticos durante a ditadura militar.

Palavras-chave: O Nanico; Jornal Alternativo; Pará.

[12] Mestranda, Universidade do Estado do Pará (UEPA). Bolsista: CAPES. profa.wanessa.oliveira@gmail.com

[13] Doutorando, Universidade do Estado do Pará (UEPA). leopoldojrprof@gmail.com

Sociedade civil, hegemonia e poder simbólico:
uma análise da revista Manchete (1960-1985)

Sady Simões Ribeiro [14]
Gabriela Braga Bernardes [15]

Este trabalho analisa a sociedade civil como espaço de produção, disputa e reprodução do poder político, questionando a separação rígida entre Estado e sociedade civil. Parte-se da crítica à concepção liberal que entende a sociedade civil como esfera predominantemente privada e autônoma, destacando-se, em contrapartida, seu papel na produção de conflitos, consensos e formas de legitimação social.

A pesquisa estabelece um diálogo entre Antonio Gramsci e Pierre Bourdieu, cujas perspectivas permitem compreender o poder para além de suas dimensões econômicas e institucionais. Enquanto Gramsci enfatiza os mecanismos de hegemonia e a construção do consenso na sociedade civil, Bourdieu evidencia a atuação do poder simbólico na definição do que adquire visibilidade, legitimidade e reconhecimento social. A partir dessas contribuições, investiga-se o papel da imprensa e da comunicação de massa na produção e reprodução das relações de poder.

Nesse sentido, a revista Manchete, fundada em 1952 pelo grupo Bloch, constitui o objeto empírico da análise. Sua ampla circulação, linguagem acessível e forte investimento no fotojornalismo permitem observar como a imprensa participa da construção de representações sobre acontecimentos políticos. Inserida no mercado editorial e submetida às condições da Ditadura Militar brasileira, especialmente às restrições impostas pela censura após o AI-5, a publicação não será compreendida como veículo neutro de informação, mas como agente envolvido na produção de sentidos e na disputa por narrativas.

A análise busca demonstrar que a imprensa participa simultaneamente da construção da hegemonia e da circulação do poder simbólico, influenciando a percepção social dos acontecimentos e delimitando os temas e representações considerados legítimos. Assim, o estudo da Manchete a partir de Gramsci e Bourdieu contribui para compreender a complexidade das relações entre Estado, sociedade civil, imprensa, interesses econômicos e produção cultural, evidenciando os limites de uma oposição rígida entre as esferas pública e privada.

Palavras-chave: Antonio Gramsci, Pierre Bourdieu, Imprensa, Revista Manchete, Ditadura

[14] Mestre em História, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). sadysr@hotmail.com

[15] Graduanda em Direito, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). gabibraga2308@gmail.com

Qualificar para transformar:
a imprensa oitocentista e os saberes sobre o espaço no Norte de Minas Gerais (1884-1894)

Fabiano Cordeiro César [16]

Este trabalho analisa como a imprensa oitocentista produziu saberes sobre o espaço sertanejo no Norte de Minas Gerais, particularmente acerca da agricultura e dos costumes, entre 1884 e 1894. Tem como fontes os periódicos Correio do Norte (1884–1891) e Montes Claros (1893–1894). A hipótese central é que esses jornais atuaram como dispositivos de qualificação simbólica do território, elaborando uma gramática discursiva que associava o "progresso" à modernização agrícola, à racionalização do trabalho e ao refinamento dos comportamentos. Nesse processo, a linguagem da civilização, mobilizada nas páginas dos periódicos, operava como tecnologia de poder sobre corpos e territórios, estabelecendo fronteiras entre o que era considerado "bruto" e aquilo que se pretendia "moderno". Para tanto, utiliza-se a análise do discurso como procedimento metodológico, partindo da premissa de que a linguagem impressa não apenas descreve o mundo, mas também participa de sua ordenação simbólica e prática. Busca-se compreender como os periódicos classificaram práticas, sujeitos e espaços, atribuindo diferentes valores às formas de cultivo, às relações de trabalho e aos costumes sertanejos. No Norte de Minas Gerais, os jornais constituíram espaços de produção e circulação de discursos sobre o território, seus sujeitos e suas possibilidades de futuro. Mais do que veículos de informação, atuaram como mediadores simbólicos, formulando projetos para a região, nomeando práticas sociais e legitimando modos específicos de viver, cultivar e governar. Dessa forma, a análise pretende evidenciar a dimensão política da imprensa na construção de representações sobre o sertão e na definição de projetos de transformação do espaço norte-mineiro no final do século XIX.

Palavras-chave: Imprensa oitocentista; Norte de Minas Gerais; Discurso; Território; Relações de poder. .

[16] Mestre em História Social, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Bolsista: FAPEMIG. fabianord.cesar@gmail.com

Sob o olhar da lei e da imprensa:
a regulação social das viúvas no Brasil oitocentista

Ana Luzia Pereira Martins[17]

A viuvez feminina no Brasil do Segundo Reinado transcendeu a esfera privada, constituindo-se como um rito de luto vigiado e politizado. Essa condição (uma das identidades mais longevas do processo civilizatório) era cercada por um moralismo de forte poder simbólico sobre as mulheres (Possas, 2019, p. 724), que determinava regras rígidas de conduta, vestimenta e expressão. Tal controle fundamentava-se em um acordo social disseminado por jornais, revistas, manuais de etiqueta e almanaques, tornando o século XIX o período mais severo quanto às normatizações do enlutamento (Schmitt, 2017; 2009). Enquanto o luto masculino mantinha-se flexível, o feminino submetia-se a rígidas normas morais e jurídicas que transformavam a perda em espetáculo de controle social. Nesse sentido, esta comunicação tem como objetivo analisar a viuvez e as manifestações de luto atribuídas às mulheres durante o reinado de D. Pedro II. A partir de impressos circulantes no Rio de Janeiro, de legislações de controle e de representações iconográficas e textuais, amparados pela História Social e História Política, investiga-se como a imprensa oitocentista regulou a imagem pública das viúvas, instrumentalizando o luto para reforçar a tutela patriarcal e a ordem do Estado. Consideramos o tema da pesquisa proposto relevante, pois as mulheres viúvas praticamente sempre estiveram ausentes dos estudos e pesquisas científicas, inclusive as de tendências feministas (Motta, 2005, p. 7). Além disso, há poucos trabalhos acadêmicos no recorte temporal e espacial delimitado, visto que os estudos que abordam a questão da viuvez ainda são esparsos.

Palavras-chave: Luto; Viuvez feminina; Brasil Império.

[17] Doutoranda, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista: FAPERJ. anamarttins.95@gmail.com

Impressões de feminilidade:
a memória gráfica na Revista Flor de Liz (1926-1927)

Hava Mariana de Oliveira Santana [18]

A presente pesquisa tem por objeto a Revista Flor de Liz, primeira revista feminina da cidade de Cajazeiras, localizada no sertão paraibano, produzida por mulheres ligadas à Ação Social Católica Feminina da Diocese de Cajazeiras, mobilizando o conceito de memória gráfica para análise dos elementos gráficos pertinentes à tipografia da revista ilustrada. Entre os elementos a serem estudos entram a organização de colunas, o tipo de fonte tipográfica, os ornamentos utilizados para decorar as páginas, etc. Como discutido por Farias e Braga (2018) "a expressão memória gráfica tem sido utilizada para denominar uma linha de estudos que busca compreender a importância o e valor de artefatos visuais, na criação de uma identidade local". De forma inicial, já foi possível observar a diversidade de elementos que irão contribuir para a pesquisa, a exemplo da fonte tipográfica entre as edições, colunas formatadas em formatos diversos, como em cruz ou taça. Para isso, será utilizado cerca de cinco volumes impressos entre 1926 e 1927, localizados em formato de xerocópia no Núcleo de Documentação Histórica Deusdedit Leitão do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande. Um dos objetivos a ser atingido é a compreensão da memória gráfica em diálogo com os principais objetivos a serem alcançados pela revista, a exemplo da normatização do comportamento feminino a partir de um ideal religioso, ou até que ponto interseccionava valores religiosos com valores modernos, além da observação dos elementos gráficos como contribuintes para o incutir feminilidade entre as moças consumidoras do periódico. Para embasamento teórico-metodológico se utiliza das leituras de Priscila Farias e Marcos Braga (2018); Rafael Cardoso (2005), apoiando-se na historiografia com Constância Lima Duarte (2022); e Ayane Duarte (2023).

Palavras-chave: Imprensa Feminina do Século XX; Memória Gráfica; Instrução Feminina.

[18] Doutoranda, Universidade Federal da Paraíba (UFPB). havamariana@gmail.com

Feminilidades políticas:
primeiro-damismo e a produção de regimes de verdade na imprensa brasileira (1985-2024)

Taiana de Oliveira [19]

Esta pesquisa analisa os discursos jornalísticos produzidos sobre as primeiras-damas da presidência da República brasileira entre 1985 e 2024, investigando de que modo tais representações participam da produção de regimes de verdade sobre feminilidade, poder e participação política no contexto da redemocratização brasileira. Partindo da compreensão de que o primeiro-damismo constitui uma forma historicamente persistente e generificada de inserção de mulheres na política, o estudo busca compreender como a imprensa constrói a figura da primeira-dama como sujeito político simultaneamente visível na esfera pública e deslegitimado como agente política autônoma. Interessa-nos observar, nesse sentido, como determinadas expectativas relacionadas à conjugalidade, ao cuidado, à aparência, à maternidade e à representação da nação são acionadas na construção jornalística dessas mulheres e de sua atuação pública. Metodologicamente, a pesquisa mobiliza a análise do discurso de inspiração foucaultiana e a noção de dispositivo para examinar matérias publicadas na Folha de S. Paulo, buscando identificar regularidades enunciativas, silenciamentos, deslocamentos e descontinuidades discursivas presentes nas representações das primeiras-damas. Ao acompanhar diferentes configurações do primeiro-damismo ao longo da Nova República, busca-se compreender suas permanências e reconfigurações diante das transformações políticas, sociais e culturais ocorridas no período. Pretende-se, assim, demonstrar como o jornalismo atua na legitimação simbólica de determinadas feminilidades políticas e da produção de fronteiras entre formas consideradas legítimas e ilegítimas de presença feminina no espaço público, contribuindo para a manutenção e para a reconfiguração de formas generificadas de exercício e representação do poder na democracia brasileira contemporânea.

Palavras-chave: primeiro-damismo; mulheres e política; feminilidades políticas.

[19] Doutoranda, PPGH/Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista: FAPESC (Edital nº 62/2024). odtaiana@gmail.com

A imprensa lésbica portuguesa e o resgate da memória:
a revista Lilás e a leitura da escritora brasileira Cassandra Rios sob a ditadura salazarista

Yanne Maira Silva [20]

O presente trabalho analisa a atuação da imprensa lésbica em Portugal na década de 1990 como agente de reconstrução da memória política e afetiva de dissidências sexuais sob a ditadura salazarista. O objeto central de estudo é a revista independente Lilás, lançada em 1993 na Amadora, cujo projeto editorial buscou visibilizar vivências e sociabilidades de mulheres que recusavam as rígidas imposições heteronormativas. O foco recai sobre a edição de número 19, publicada em setembro de 1997, especificamente na entrevista "Portugal nos anos 60" concedida por Clara, funcionária pública que vivenciou a juventude sob o regime autoritário português. Em seu depoimento espontâneo, Clara rememora as táticas de invisibilidade impostas pelo Estado, que afirmava que as relações entre mulheres deveriam acontecer "entre as quatro paredes" e a circulação clandestina da literatura da escritora brasileira Cassandra Rios, cujas obras eram lidas às escondidas como um "fruto proibido" capaz de criar redes de identificação. Metodologicamente, a pesquisa é de natureza bibliográfica e documental, no cruzamento do testemunho oral apresentado na revista Lilás com os arquivos da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) encontrados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, por meio da análise de pareceres de censura da década de 1960 que rotulavam romances como Georgette (1956) e Eudemônia (1955) de "imoralíssimas" por narrarem a subjetividade trans e lésbica. A fundamentação teórica ampara-se nas contribuições de Gérard Genette (2009) sobre materialidade editorial; Ana Clotilde Correia (2024) sobre a vigilância policial da homossexualidade; bem como nas análises críticas de Amara Moira (2020) e Mariacristina Migliore (2025), textos publicados em Portugal acerca da literatura de Rios. Conclui-se que o resgate dessa circulação literária promovido pela revista Lilás demonstra o poder político da imprensa independente e da literatura dissidente para resistir aos mecanismos de censura e repressão moral do Estado Novo, estabelecendo o periódico como um sujeito ativo na reconstrução das memórias e sociabilidades lésbicas em Portugal.

Palavras-chave: Revista Lilás; Cassandra Rios; Censura; Memória; Imprensa Lésbica em Portugal

[20] Doutoranda em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Bolsista: CAPES. yanne.silva@ufu.br

Representações políticas na revista Veja durante o governo de Dilma Rousseff

Cláudia Cristina da Silva Fontineles [21]
Bruna Neres Milhomens [22]

O presente trabalho analisa a construção da imagem nacional da presidenta Dilma Rousseff pela revista Veja durante seu primeiro mandato presidencial. Parte-se da compreensão de que a atuação da imprensa não se restringe à divulgação de acontecimentos, mas participa ativamente da produção de representações sociais e políticas, influenciando a formação da opinião pública, da memória coletiva e das narrativas sobre personagens e eventos históricos. Nessa perspectiva, busca-se demonstrar que a Veja desempenhou um papel significativo na elaboração da imagem pública da primeira mulher eleita para a Presidência da República, recorrendo a enquadramentos discursivos marcados por estereótipos de gênero, preconceitos machistas e representações misóginas que extrapolaram a crítica político-ideológica ao governo e atingiram aspectos relacionados à sua condição de mulher. A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da História do Tempo Presente e da História da Imprensa, compreendendo os meios de comunicação como agentes produtores de discursos e sentidos sobre a realidade social. O estudo evidenciou que a cobertura da revista contribuiu para consolidar uma imagem de fragilidade, incapacidade administrativa e instabilidade emocional, frequentemente associada a estereótipos historicamente atribuídos às mulheres que ocupam espaços de poder. Conclui-se que tais representações não apenas influenciaram a percepção pública sobre a presidenta, mas também reforçaram desigualdades de gênero presentes na política brasileira, evidenciando como a imprensa pode atuar na reprodução de discursos que legitimam práticas de desqualificação feminina e condicionam a participação das mulheres nos mais altos cargos de representação política.

Palavras-chave: Representações, Dilma Rousseff, revista Veja, Misoginia.

[21] Doutora em História, professora da Universidade Federal do Piauí (DH, PPGHB, PPGCP). Bolsista em Produtividade Científica CNPq. cfontinelles@gmail.com

[22] Graduanda em História, Universidade Federal do Piauí (UFPI). Voluntária. bruna.milhomem@ufpi.edu.br

Quando a imprensa define a magia:
discurso, criminalização e disputas pelos saberes de cura no Rio de Janeiro (1890-1942)

Valquíria C. R. Velasco [23]

A presente comunicação analisa o papel da imprensa na construção discursiva das categorias mobilizadas para classificar, deslegitimar e criminalizar práticas religiosas e saberes de cura no Rio de Janeiro entre 1890 e 1942. Parte-se do pressuposto de que os jornais não atuaram apenas como registros ou testemunhas das ações policiais e judiciais dirigidas a curandeiros, médiuns, espíritas, cartomantes e outros agentes vinculados a experiências religiosas e terapêuticas, mas participaram ativamente da produção de representações e efeitos de realidade capazes de definir determinadas práticas como "magia", "superstição", "charlatanismo", "espiritismo" ou ameaça à ordem pública. Nesse processo, a linguagem jornalística contribuiu para tornar socialmente inteligíveis determinadas experiências e para estabelecer fronteiras entre formas de cura consideradas legítimas e aquelas associadas ao engano, ao atraso, à irracionalidade ou ao crime. O recorte temporal compreende o período de vigência do Código Penal de 1890, especialmente os dispositivos que regulamentavam o exercício ilegal da medicina, o espiritismo e as práticas de magia e curandeirismo, estendendo-se até 1942, quando entrou em vigor um novo ordenamento penal. A pesquisa busca compreender como os discursos veiculados pela imprensa dialogaram com práticas policiais, saberes médicos, normas jurídicas e projetos de modernização, participando das disputas pela autoridade de definir quais conhecimentos, sujeitos e experiências poderiam ser reconhecidos como legítimos no campo da cura. Metodologicamente, serão examinadas notícias, reportagens, notas e outros textos publicados em periódicos cariocas, considerando tanto seus conteúdos discursivos quanto os procedimentos de seleção, classificação e enquadramento empregados na construção das narrativas. A análise compreende a imprensa como agente histórico e espaço de disputa política, no qual diferentes instituições e atores produziram sentidos sobre religião, ciência, saúde, moralidade e ordem social. Ao investigar os modos pelos quais os jornais nomearam, representaram e publicizaram práticas de cura, pretende-se evidenciar que a definição da "magia" constituiu uma operação histórica atravessada por relações de poder e por conflitos em torno da legitimidade dos saberes. Assim, a comunicação contribui para compreender a imprensa como instância ativa na produção de categorias sociais e na construção pública da criminalidade relacionada às crenças e às práticas de cura.

Palavras-chave: Imprensa; Criminalização; Saberes de cura; Magia; Rio de Janeiro.

[23] Doutora em História Comparada, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). dravalvelasco@gmail.com

Imagética da miséria e lusotropicalismo:
homologias discursivas nas representações do Nordeste e da África no Diário de Pernambuco (1960-1964)

Gabriel Dias Abage[24]

A presente pesquisa investiga a construção discursiva da miséria e do subdesenvolvimento nas edições do jornal Diário de Pernambuco (1960-1979), imprensa hegemônica representante da elite intelectual recifense e espaço privilegiado de mediação simbólica, evidenciando o papel desta construção imagética para a legitimação de discursos políticos dominantes. A análise insere-se no contexto da Política Externa Independente (PEI) e da abertura diplomática promovida pelo Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) perante o continente africano ao examinar como a ideologia fraternalista do lusotropicalismo freyriano foi mobilizada enquanto ferramenta de sustentação do neocolonialismo e dispositivo de amortecimento das tensões geopolíticas. Amparando-se nas abordagens dos Estudos Culturais (HALL, 1992; BHABHA, 1994) e nas abordagens da historiografia contemporânea (BARBOSA, 2022; DÁVILA, 2011; PEREIRA, 2015), o trabalho evidencia a existência de uma homologia discursiva nas representações desses sujeitos subalternizados, o "outro interno" (o sertanejo) e o "outro externo" (o africano). Para a compreensão do outro interno, desconstrói-se a retórica do determinismo geográfico da seca e a tecnocracia da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) de Celso Furtado a partir das contribuições críticas de intelectuais regionalistas (CASTRO, 1946; CALLADO, 1960; OLIVEIRA, 1977; FACÓ, 1963), demonstrando como a espetacularização da escassez legitimava a dependência estatal a partir de políticas assistencialistas e silenciava o conflito no campo e a violência latifundiária. Nesse quadro analítico, sobressai a figura do jornalista Aníbal Fernandes, cujas publicações atuavam na triagem ideológica das diretrizes diplomáticas nacionais, ao mesmo tempo em que desqualificavam os processos de independência africanos e reproduziam a narrativa de necessidade de modernização agrária nordestina. Em contraposição empírica a essa produção de opinião, a investigação recorre ao diário pessoal do embaixador Raymundo Souza Dantas, primeiro embaixador negro brasileiro alocado em Gana, cujos registros desnudam as fraturas do mito da democracia racial e o racismo institucionalizado na diplomacia brasileira. Com efeito, conclui-se que a captura da miséria enquanto dispositivo retórico serviu para despolitizar as desigualdades estruturais, haja vista que o discurso de fraternidade tropical mascarava arranjos neocoloniais e resguardava hegemonias tradicionais no cenário transatlântico.

Palavras-chave: Miséria; Imprensa; Itamaraty; Lusotropicalismo; Subalternizados; SUDENE;

[24] Graduando, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). gabriel.abage@ufpe.br

"Coque não muda: fome, crime e promiscuidade. Mas continua divertido": *a construção de imaginários urbanos na imprensa do Diário de Pernambuco (1976)*

Joyce Hellem Rodrigues da Silva [25]
Dionson Ferreira Canova Júnior [26]

O presente trabalho analisa a narrativa veiculada pelo periódico Diário de Pernambuco, em 1976, acerca da vivência urbana na favela do Coque, comunidade localizada nas proximidades do centro do Recife. Historicamente, a mídia tradicional rotulou a comunidade como um dos locais mais perigosos da capital pernambucana, conferindo ênfase a temáticas relacionadas à violência, ao tráfico de drogas e à precariedade socioambiental. Este estudo centra-se na reportagem intitulada "Coque não muda: fome, crime e promiscuidade. Mas continua divertido", publicada em 19 de setembro de 1976. A matéria constrói uma narrativa sobre o espaço da favela pautada por uma dualidade ambígua, que oscila entre o determinismo trágico e a romantização da pobreza. Tal perspectiva, marcada por estigmas, evidencia a visão generalizante sobre a vivência periférica adotada pelo jornal. O esvaziamento Político sobre as temáticas da fome e da pobreza, é evidente, embora o texto exponha de forma crua as falas dos(a) moradores(a) (como Virgínia Lima, detalhando a rotina exaustiva de marisqueira e lavadeira), às causas da desigualdade não são atribuídas à estrutura econômica ou à falta de políticas do regime vigente. Metodologicamente, a pesquisa vincula-se às perspectivas da Micro-História. Ao analisar as escolhas narrativas presentes nessa fonte específica, o trabalho evidencia como os imaginários urbanos e as políticas de representação das periferias eram construídos e comunicados no contexto da década de 1970.

Palavras-chave: Diário de Pernambuco; Favela do Coque; Representação social.

[25] Graduanda, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). joyce.hellem@ufpe.br

[26] Doutorando em História, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista: CAPES. dionson.canova@ufpe.br

Imprensa no Mandato Britânico da Palestina:
o caso do The Palestine Post nos anos 1930

Maria Francisca Soares Theberge[27]

Depostas as armas, a história da formação do Oriente Médio contemporâneo atesta que os tinteiros funcionam tão bem quanto. Normatizado pelo Pacto da Liga das Nações, o sistema de mandatos se aplicava a territórios que "ainda não têm condições de levantar por si próprios sob as condições extenuantes do mundo moderno", como descrito no Pacto da Liga das Nações. O Mandato britânico na Palestina esteve em funcionamento entre o fim da Primeira Guerra Mundial e 1948 e foi marcado pela crescente tensão entre o controle colonial, a aspiração à autodeterminação árabe e o sionismo. O domínio colonial não se deu sem sublevações populares, e teve como um de seus momentos mais paradigmáticos a Revolta Árabe de 1936 a 1939 – uma insurreição em larga escala nas cidades e nos campos, que teve como principais reivindicações o fim do colonialismo britânico, da imigração judaica em massa e da substituição da mão de obra árabe pela judaica.

Fundado por Gershon Agronsky, jornalista nascido no Império Russo, o The Palestine Post consolidou-se como um importante veículo de comunicação de sua época. Publicado em língua inglesa e com circulação diária (excetuando-se os sábados/sabá, feriados judaicos ou públicos), a linha editorial do periódico era muito marcada pelas clivagens que se solidificavam na década de 1930 no Mandato britânico da Palestina. O objetivo desta comunicação é mapear algumas dessas tensões às vésperas da deflagração da greve geral que marca o início da Revolta Árabe, em abril de 1936, posicionando o The Palestine Post no contexto de sua produção e circulação, como um veículo imerso neste terreno.

Palavras-chave: Palestina; imprensa; colonialismo britânico; Oriente Médio; The Palestine Post.

[27] Mestranda, PPGHIS/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). franciscatheberge@gmail.com

Promessas de progresso nas páginas da imprensa:
representações políticas sobre a CEPALMA nas décadas de 1960 e 1970

Anna Karoline da Silva Nascimento [28]

Este trabalho analisa como a imprensa participou da construção de representações sobre o Maranhão e as populações locais no contexto da ditadura civil-militar e da implantação da Celulose e Papéis do Maranhão (CEPALMA), associada ao projeto de modernização do "Maranhão Novo". Questiona-se de que maneira as narrativas jornalísticas do desenvolvimento representaram o território como atrasado e seus habitantes como incompletos ou passivos, legitimando a intervenção estatal e empresarial como caminho necessário para o progresso. Parte-se da hipótese de que a oposição entre atraso e modernidade não apenas divulgou o empreendimento, mas funcionou como linguagem política que hierarquizou sujeitos, desautorizou saberes e modos de vida locais e contribuiu para a construção de consensos em torno do projeto desenvolvimentista. A relevância da análise reside em compreender a imprensa não como simples registro dos acontecimentos, mas como agente da produção de sentidos políticos sobre territórios e populações. Com abordagem qualitativa e interdisciplinar, examinam-se três matérias publicadas em Manchete (1968), Jornal do Brasil (1969) e Correio da Manhã (1971), em diálogo com uma entrevista de História Oral realizada em 2025 com Gabriela (pseudônimo), cuja trajetória familiar e profissional se vincula à empresa. A imprensa é compreendida como ator político, conforme Capelato (1988); a análise do desenvolvimento como discurso de poder apoia-se em Escobar (1995); e o tratamento da fonte oral orienta-se por Portelli (2010). Os resultados indicam que expressões como "região sofrida", "colonização" e "caboclo" à espera do progresso construíram a população local como objeto da intervenção desenvolvimentista e apresentaram a indústria como instrumento de redenção regional. Em contraposição, a narrativa de Gabriela revela uma experiência ambivalente, marcada por trabalho, relativa segurança material, dependência e posterior abandono. Conclui-se que a memória oral tensiona a promessa jornalística de progresso, restitui agência aos sujeitos apagados por essa representação e evidencia as contradições sociais de um projeto modernizador implantado durante a ditadura.

Palavras-chave: Imprensa; Desenvolvimento; Memória; CEPALMA.

[28] Mestre em Sociedade e Cultura, PPGSC/Universidade Estadual do Piauí (UESPI). akarolinedasn@aluno.uespi.br

Representações do cotidiano infantil no álbum Historia Gráfica de la Revolución Mexicana

Flávio Henrique Vieira de Paula [29]

Esta pesquisa analisa as representações da infância no álbum Historia Gráfica de la Revolución Mexicana (1942-1973), produzido pela família Casasola, compreendendo-o como veículo da memória oficial e instrumento de legitimação do projeto político pós-revolucionário do PRI. Parte-se do pressuposto de que a infância foi mobilizada como símbolo visual de esperança, sacrifício e continuidade da pátria, consolidando uma narrativa harmoniosa da Revolução. O objetivo é investigar como essas imagens foram construídas visual e discursivamente, quais contradições emergem ao confrontá-las com a experiência histórica concreta das crianças no conflito e de que modo serviram ao projeto político hegemônico. Metodologicamente, aplica-se a análise histórico-semiótica de Ana Maria Mauad, que decompõe as fotografias em unidades culturais para reinterpretá-las em categorias espaciais. Esse procedimento permite decifrar códigos culturais e ideológicos inscritos nas imagens, revelando a infância como construção simbólica ativa na disputa pelos sentidos do passado.

Palavras-chave: Fotografia; Infância; Representação; Revolução Mexicana; Política.

[29] Mestrando em História (Interunidades Assis/Franca), Universidade Estadual Paulista (UNESP). f.paula@unesp.br

Quando a imprensa escreveu a vitória:
capas de revistas e a construção da imagem de Ronald Reagan em 1981

Sabrina Alves Ferreira [30]

A eleição de Ronald Reagan marcou o início de um novo ciclo político nos Estados Unidos, associado à reorganização do conservadorismo e à redefinição das relações entre mídia e poder. Entre os acontecimentos que simbolizaram essa transição, destaca-se a libertação dos 52 reféns estadunidenses mantidos no Irã desde novembro de 1979, ocorrida em 20 de janeiro de 1981, poucas horas após a posse do novo presidente. Embora o acordo diplomático tenha sido negociado ao longo da administração Jimmy Carter, a cobertura da imprensa contribuiu para associar o desfecho da crise ao início do governo Reagan, projetando sua imagem como líder capaz de restaurar a autoridade, o prestígio internacional e a força da nação estadunidense. Partindo dessa problemática, o presente trabalho analisa capas de revistas de grande circulação, como Time, Newsweek e U.S. News & World Report, compreendendo-as como fontes privilegiadas para investigar a construção visual da legitimidade política. Inserida no campo da História Política e da História da Imprensa, a pesquisa busca compreender como fotografias, manchetes, diagramação, enquadramentos e escolhas editoriais produziram uma narrativa de ruptura entre os governos Carter e Reagan, atribuindo ao novo presidente o papel de protagonista de uma suposta restauração nacional. Metodologicamente, o estudo mobiliza a análise da cultura visual em diálogo com a História da Mídia, entendendo as capas não apenas como registros de acontecimentos, mas como artefatos políticos que organizam sentidos, hierarquizam informações e disputam interpretações do presente. Argumenta-se que essas representações visuais desempenharam papel ativo na construção da imagem pública de Reagan e na legitimação simbólica do projeto conservador que se consolidaria ao longo da década de 1980. Ao investigar a imprensa como produtora de significados políticos, a comunicação pretende contribuir para o debate sobre a relação entre cultura visual, mídia impressa e formação de hegemonias na história contemporânea.

Palavras-chave: Ronald Reagan; História da Imprensa; Cultura Visual.

[30] Doutoranda em História Social, PPGH/Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). sabrinalvesfe@gmail.com

Delação e representação em perspectiva:
historicizando construtos visuais e linguísticos em fotografias de guerra a partir de Mohammed Salem (2023)

Vinícius Soares Alves Saióro de Oliveira [31]

A presente comunicação tem como objetivo analisar uma fotografia de guerra produzida em 2023 pelo fotógrafo palestino Mohammed Salem, na qual Inas Abu Maamar ocupa o enquadramento central enquanto sofre a perda de sua pequena sobrinha, Saly. Premiada pelo concurso World Press Photo no ano seguinte, a produção ajudou a fomentar a circulação de fervorosas manchetes que comprometeram-se a denunciar os horrores cometidos na Faixa de Gaza durante as investidas israelenses, reforçando sua natureza, a princípio, delatora. Todavia, o construto discursivo engendrado sobre a obra apropriou-se de uma retórica martirizante particularmente cristã, uma vez que Inas Abu Maamar foi visual e conceitualmente equiparada à figura da Pietà, recebendo a alcunha de A Pietà de Gaza . Nesse sentido, as dimensões denunciativas da obra ganharam corpo a partir de um deslocamento perceptivo-ontológico imposto às vítimas, prática comum ao fotojornalismo ocidental se nos detivermos ao seu arcabouço representativo. Sendo assim, abrem-se duas vertentes de análise em relação a este caso. Por um lado, é possível historicizar, a partir desta fotografia e de outras que sofreram o mesmo processo, o esquema representacional ocidental atrelado ao luto, enquadrando-o numa tradição iconográfica de longa duração que remonta à consolidação da iconografia cristã através da arte europeia moderna. A questão é pensar como as práticas de representação do Ocidente se organizaram historicamente de modo a conjugar conceitos específicos a determinados arquétipos, e como, na esteira deste movimento, o luto feminino tornou-se uma expressão mundana do tormento de Maria. Por outro lado, podemos perspectivar a natureza delatora da obra, refletindo sobre os seus efetivos impactos na arena política internacional e, acima de tudo, questionando a maneira pela qual obras deste tipo incorporam certa estetização da barbárie, tornando a dor do outro um espetáculo a ser contemplado e condecorado, sob as vestes da delação e da conscientização. Em suma, ambas as linhas de análise resultam numa historicização da cultura visual ocidental, cuja agência insufla os meios de produção no fotojornalismo delator e faz com que emblemáticas clássicas calcificadas numa memória cultural sejam reavivadas sob os obturadores contemporâneos e, paralelamente, aplica contornos estéticos a registros cruamente violentos. Sendo assim, qual seria o limiar entre o expositivo e o espetacular?

Palavras-chave: Pietà de Gaza; World Press Photo; fotografia de guerra; representações ocidentais; iconografia.

[31] Mestrando, PPGHIS/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista: CNPq. vinicius.alves.oliveira222@gmail.com

Da fita cassete ao algoritmo:
imagem, imprensa e soberania narrativa na história do midiativismo indígena no Brasil (1970-2025)

Priscila Fernanda dos Santos Loureiro [32]

Este estudo analisa a trajetória histórica e midiático-documental da comunicação indígena no Brasil (1970-2025), mapeando sua transição dos suportes analógicos ao capitalismo de plataforma. Problematiza-se o percurso do ativismo comunicacional como um processo histórico de "amansamento" das tecnologias para a construção de uma contranarrativa soberana contra o silenciamento do Estado e da imprensa hegemônica. A genealogia dessas práticas é investigada em três marcos históricos: 1) A virada sonora (1970-1980), na qual o cacique Mário Juruna instrumentalizou o gravador de fita cassete como "dispositivo de prova" e "escudo ontológico" contra a opacidade do regime militar; 2) As barricadas de papel (1980-1990), marcadas pela emergência da imprensa indígena autônoma durante a Constituinte de 1988, com destaque para o Jornal Indígena da UNI (1984) e o Porantim, estabelecendo uma pedagogia política pan-indígena pela terra; 3) A "retomada" digital e algorítmica (2010-2025), na qual coletivos contemporâneos de etnomídia (como a Rádio Yandê e a rede Mídia Indígena) apropriam-se das redes sociais para tencionar a colonialidade algorítmica e a moderação de conteúdo corporativa via "enxameamento". Teoricamente, articula-se o conceito de "cultura com aspas" (Cunha) à teoria performativa da assembleia (Butler) e às redes de contrapoder (Castells). Metodologicamente, adota-se a pesquisa histórico-documental e o estudo de caso qualitativo, integrando documentos de arquivo à análise de conteúdo e de discurso de um inventário visual longitudinal da Mídia Indígena. Os resultados evidenciam que a transposição das lutas originárias para as telas não configura perda de autenticidade, mas sim uma expansão ontológica do corpo-território. Conclui-se que o domínio estratégico da imagem e do registro documental consolidou-se, historicamente, como pré-requisito material para a garantia da integridade física e simbólica dos territórios tradicionais, tensionando e reconfigurando os termos da democracia deliberativa contemporânea no espaço público brasileiro.

Palavras-chave: Midiativismo Indígena; Cultura Visual; História do Tempo Presente; Soberania Narrativa

[32] Doutoranda, PUC-Rio/IUPERJ-UCAM. Bolsista: CAPES (Código de Financiamento 001). loureiropriscila@id.uff.br

"A guerra teve um sentido":
a apropriação política da vitória sobre o nazi-fascismo no Tribuna Popular (1945)

Danyele Nayara Santos Dias [33]

A vitória sobre o nazi-fascismo em 1945 rapidamente ultrapassou os limites do acontecimento militar para tornar-se objeto de disputas em torno de seus significados políticos. Resultante de pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado em História Social, este trabalho investiga como o Tribuna Popular, órgão de imprensa do Partido Comunista do Brasil (PCB) publicado entre 1945 e 1948, apropriou-se desse acontecimento para interpretar a conjuntura política brasileira do imediato pós-guerra. O problema que orienta a pesquisa consiste em compreender como a vitória antifascista foi mobilizada pelo periódico para atribuir sentidos à redemocratização brasileira e à atuação política do PCB. Parte-se da hipótese de que o jornal não apenas informou sobre o término da guerra, mas transformou a vitória sobre o nazi-fascismo em instrumento de legitimação de projetos políticos, construção de referências de heroísmo e mobilização de seus leitores em defesa da democracia e do antifascismo. O estudo tem como principal fonte o Tribuna Popular e analisa reportagens sobre a Força Expedicionária Brasileira (FEB), homenagens aos expedicionários, narrativas sobre enfermeiras, julgamentos de criminosos de guerra, campanhas antifascistas, discursos de Luís Carlos Prestes e notícias internacionais publicadas ao longo de 1945.

Metodologicamente, adota-se a abordagem proposta por Cruz e Peixoto para o estudo da imprensa, observando o periódico em sua materialidade editorial, seus temas prioritários e suas estratégias de intervenção no debate público. Argumenta-se que a elaboração dos sentidos da vitória constituiu parte da disputa pela definição dos rumos da democracia brasileira na redemocratização, evidenciando o papel da imprensa comunista na produção de interpretações sobre o presente e na mobilização política de seus leitores. O trabalho pretende contribuir para os debates sobre História Política, Cultura Política e História da Imprensa.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; Antifascismo; História Política; Tribuna Popular; PCB.

[33] Mestre em História Social, Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). danyele.dias@educacao.mg.gov.br

II ENEHISP

PPGH Unimontes
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LAPPS ufjf
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL



Grupo de
Estudos e Pesquisa do
Pensamento Autoritário